



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

DANIELA FELIPE

**A VIVÊNCIA DA FIGURA PATERNA NO PRÉ-NATAL,
PARTO E PUERPÉRIO**

ARIQUEMES-RO

2019

Daniela Felipe

**A VIVÊNCIA DA FIGURA PATERNA NO PRÉ-NATAL,
PARTO E PUERPÉRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Sonia Carvalho Santana.

Ariquemes - RO

2019

Daniela Felipe

<http://lattes.cnpq.br/4223988359216242>

A VIVÊNCIA DA FIGURA PATERNA NO PRÉ-NATAL, PARTO E PUERPÉRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção final do grau de Bacharela em Enfermagem.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Ms. Sônia Carvalho de Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente– FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/9558392223668897>

Prof.^a Esp. Elis Milena Ferreira do Carmo Ramos
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/8411996232888777>

Prof.^a Esp. Sandra Mara de Jesus Capelo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/7277177050715747>

Ariquemes, 18 de Outubro de 2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

F315v	FELIPE, Daniela. A vivência da figura paterna no pré-natal, parto e puerpério. / por Daniela Felipe. Ariquemes: FAEMA, 2019. 57 p. TCC (Graduação) - Bacharelado em Enfermagem - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Orientador (a): Profa. Ma. Sônia Carvalho de Santana. 1. Paternidade. 2. Gestação. 3. Pré-natal. 4. Enfermagem. 5. Relação pai-filho. I Santana, Sônia Carvalho de. II. Título. III. FAEMA.
CDD:610.73	

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por tudo que me tem concedido;

Aos Professores e Orientadora Prof^a Ms Sonia Carvalho de Santana, pela dedicação durante essa jornada;

A toda minha família, principalmente meu esposo Cezar, pelo apoio e pelo amparo nos momentos difíceis;

Aos amigos pelo incentivo;

A todos os professores, alunos e amigos, especialmente aos que estão ligados ao curso de enfermagem, pela força durante toda essa caminhada. Obrigada a todos.

“Ser pai é descobrir que o amor incondicional existe e o maior e mais sincero de todos está bem diante do nosso abraço”.

Fernando Guifer

RESUMO

O presente trabalho inclui a importância da figura paterna no desenvolvimento do pré-natal, transcurso do parto e recuperação puerperal. A presença do pai neste momento de gestação pode garantir à mulher segurança, pois muitas vezes seus sentimentos estão cheios de emoções e precisam ser compartilhados. Justifica-se o mesmo, quanto à importância do pai nessa ocasião, que é um fator positivo para favorecer o fortalecimento da companheira no momento de insegurança e exercer de forma significativa o papel do pai antes e depois do parto. A metodologia utilizada foi levantamento bibliográfico, as estratégias de busca foram as bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Manuais do Ministério da Saúde e acervo da Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA). Por meio da leitura e análise dos artigos científicos publicados no período de 2005 a 2018, onde através de autores que se relacionam com o tema em questão, foi possível concluir o mesmo.

Palavras-chave: Paternidade; Gestação; Pré-natal; Enfermagem; Relação pai-filho.

ABSTRACT

The present work includes the importance of the father figure in prenatal development, delivery and puerperal recovery. The presence of the father at this time of pregnancy can ensure the woman a security, because often their feelings are full of emotions and need to be shared. The same is true of the importance of the father on this occasion, which is a positive factor in favoring the strengthening of the partner in the moment of insecurity and significantly playing the role of the father before and after childbirth. The methodology used was a bibliographic survey, the search strategies were the following databases: Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Manuals of the Ministry of Health and collection of the Júlio Bordignon Library of the Faculty of Education and Environment Environment (FAEMA). By reading and analyzing the scientific articles published from 2006 to 2019, where through authors that relate to the theme in question, it was possible to conclude the same.

Keywords: Paternity; Gestation; Prenatal; Nursing; Parent Child Relationship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ESF	Estratégia Saúde da Família
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
MS	Ministério da Saúde
PNAISH	Política Nacional de Atenção Integral á Saúde do Homem
RC	Rede Cegonha
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	122
2.1 OBJETIVO GERAL.....	122
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	122
3 METODOLOGIA	133
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	144
4.1 GESTAÇÃO.....	144
4.2 REDE CEGONHA	199
4.2.1 Figura do pai no Pré-natal	20
4.2.2 Participação Paterna no parto.....	255
4.2.3 Participação Paterna no Puerpério	30
4.2.4 Participação do pai na puericultura.....	344
4.3 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PRÉ-NATAL.....	377
4.3.1 O Enfermeiro Estimulando a vivência paterna no pré-natal.....	433
CONSIDERAÇÕES FINAIS	455
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	477

INTRODUÇÃO

A gestação é um período no qual a mulher tende a ficar mais sensível, onde ocorrem muitas mudanças no corpo e no comportamento diário á espera da chegada do bebê. Para que a gestante se sinta mais confiante e segura no período de gestação, há a necessidade de que a figura paterna esteja acompanhando todo o processo (SANTOS; SATÔ, 2014).

O acompanhamento do pai no período de gestação, nascimento do bebê e pós-parto é um momento importante na construção de vínculo tanto para a mãe quanto para o bebê, pois é a partir daí que a responsabilidade de pai e mãe começa a surgir em relação á formação familiar (GARCIA; LEITE; NOGUEIRA, 2013).

Santos e Satô. (2014) pontuaram que o pai nesse momento da gestação pode garantir á mulher segurança, pois muitas vezes seus sentimento estão cheios de emoções e precisam ser compartilhados.

Por isso, além das alterações psicológicas, as gestantes terão de se adaptar ás transformações que o corpo sofre durante e após a gestação, e a presença do pai pode contribuir para todo o processo de adaptação mãe e filho (GARCIA, LEITE; NOGUEIRA, 2013).

O estudo de Brito e Oliveira (2009) a importância do pai durante o acompanhamento do pré-natal, parto e na recuperação puerperal é um fator positivo para favorecer o fortalecimento da companheira no momento de insegurança, e faz com que este sinta-se importante e realizado ao poder exercer de forma significativa o papel do pai antes e depois do parto.

A construção da paternidade está aliada à prática e á participação do pai no engajamento, desenvolvimento e no seu desempenho, e nas tarefas no período de gestação, transcurso do parto e na recuperação puerperal. A capacidade desse pai em ajudar a mulher favorece a este ator galgar autoestima e mais confiança em si mesmo (ALMEIDA et al.2014).

O parto é um processo intenso vivenciado pela mulher. É de extrema importância o compartilhamento desse momento com alguém de confiança que possa proporcionar uma vivência mais segura e afetiva à puérpera (BATISTA; FARIAS; MELO, 2011).

Justifica-se o mesmo, quanto à importância do pai nesse período que é um fator positivo para favorecer o fortalecimento da companheira no momento de insegurança e exercer de forma significativa o papel do pai antes e depois do parto.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Destacar a importância da figura paterna no transcurso do pré-natal, parto e recuperação puerperal.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar a fase da gestação abordando conceito e fisiologia;
- Destacar o papel do pai no período pré e perinatal;
- Fundamentar a atuação do enfermeiro frente á vivência da figura paterna no contexto pré e perinatal.

3 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão de literatura que foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa consistiu na pesquisa bibliográfica, por meio de consulta de trabalhos indexados e publicados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Manuais do Ministério da Saúde e o acervo da Biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA. Os descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: Paternidade; Gestação; Pré-natal; Enfermagem, Relação pai-filho.

O levantamento das fontes de publicações foi realizado entre os meses de julho a Setembro de 2019, sendo utilizados os seguintes critérios de inclusão para revisão de literatura: Os artigos, monografias, dissertações e teses disponíveis na íntegra, publicados e escritos em língua nacional (português) e internacionais (inglês e espanhol) no período de 2005 a 2019 coerentes com o tema da pesquisa, o longo delineamento foi devido à dificuldade em encontrar publicações específicas sobre a participação do pai no pré-natal. Foram excluídos os materiais que não abordavam a temática proposta ou que não atendiam aos critérios de inclusão descritos anteriormente.

A segunda etapa consistiu na leitura e organização dos materiais selecionados para elaboração deste trabalho compreendendo 92 referências.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 GESTAÇÃO

Gestação compreende o tempo de desenvolvimento do embrião no útero, desde a concepção até o nascimento. Gestação provém do latim: *gestatio*; *gestationem*, e o período no qual a saúde da mulher tende a se encontrar em condição especial, sendo caracterizada através de alterações no organismo, necessária para uma adaptação do corpo na condição de grávida e puerperal. (BRASIL, 2011).

Conforme Brasil, (2011) é importante ser destacado que é um direito da mulher, no seu período gestacional, ter uma assistência qualificada, pois é um direito no qual toda gestante passa a adquirir, a partir do momento que engravida. Assim é um dever dos municípios dispor serviços da saúde que proporcionem uma assistência pré-natal, o parto, o puerpério e o neonatal de forma devidamente organizada.

Teixeira, (2010) evidencia o período gestacional é caracterizado por aproximadamente 40 semanas, sendo este constituído por algumas alterações metabólicas, fisiológicas e nutricionais.

A gestação tende a marcar a fase das mudanças de vida e corpo de uma mulher. Tais modificações, físicas e emocionais, também são sociais, sexuais e afetivas onde gera sensações de formas mistas e prazerosas, medo, alegria, ansiedade, além de angústias (TEIXEIRA, 2010).

Para aumentar o registro precoce de gestantes, o Ministério da Saúde, por meio da Estratégia da Rede Cegonha, incluiu o Teste Rápido de Gravidez nos exames pré-natais de rotina, que podem ser realizados na própria Unidade Básica de Saúde (UBS), o que acelera o processo necessário para a confirmação da gravidez e o início do pré-natal. (BRASIL,2013).

Os sintomas da gravidez não são os mesmos, porque algumas mulheres são mais sensíveis às alterações hormonais ou apresentam condições que favorecem a exacerbação de certos sintomas. Durante as consultas de pré-natal, todos os sintomas devem ser mencionados aos profissionais de saúde para que sejam avaliados, medicados, se necessário, ou para que se analise a necessidade de

acompanhamento especializado ou de encaminhamento ao serviço de pré-natal de alto risco (BRASIL, 2013).

O momento gravídico se divide por alguns períodos, onde a mulher inicia o pré-natal na Atenção Primária à Saúde, preferencialmente até a 12ª semana de gestação (captação precoce). A finalidade desse acompanhamento de pré-natal é assegurar o desenvolvimento saudável da gestação, onde acompanhamento periódico e contínuo ocorre durante toda a gestação, em intervalos preestabelecidos (mensalmente, até a 28ª semana; quinzenalmente, da 28ª até a 36ª semana; semanalmente, no termo), acompanhando-as tanto nas unidades de saúde quanto em seus domicílios, bem como em reuniões comunitárias, até o momento do pré-parto/parto, e o pós-parto (BRASIL, 2010).

A gestação é um fenômeno fisiológico, onde ocorrem várias transformações no organismo materno, que tem como finalidade proporcionar o crescimento e desenvolvimento do feto. Deve também ao final do processo garantir que a gestante tenha condições para a fase de lactação (BRASIL, 2010).

Nesta fase, é importante que a família esteja ao lado apoiando e ajudando de alguma forma com palavras positivas, contribuindo para que a mãe e bebê estejam em harmonia no meio familiar onde irão conviver com o pai e outros integrantes da família.

Silva e Carvalho (2011,p.390) evidenciam que:

As atividades domésticas desenvolvidas no período gestacional reduzem em menor proporção quando comparadas as atividades laboral e física. Em alguns casos, a realização das tarefas domésticas permanece inalterada até o último trimestre. Esta condição pode interferir na sensação de bem-estar físico ou mesmo na qualidade de vida da gestante devido às posturas que são adotadas durante a realização dessas atividades, como manutenção da posição ortostática e sentada por longos períodos.

Durante a gravidez algumas gestantes podem apresentar queixas e outras podem passar despercebidas. Essas queixas são relacionadas a vômitos e náuseas causando um desconforto para as gestantes que estão nesse estado que pode se estender até o final da gravidez, em alguns casos (SILVA; CARVALHO, 2011).

Dentre as alterações sofridas pelo organismo materno, encontra-se a alteração hormonal, que causa estresse, ansiedade, náuseas e vômitos diminuindo assim a qualidade de vida das gestantes por um período na gestação (CASARIN; BARBOSA; SIQUEIRA, 2010).

Há gestantes que passam por situações mais graves que é a hiperêmese gravídica que causa vômitos mais intensos, podendo até levar a uma internação devido à desidratação, acarretando sobre a qualidade de vida da gestante, feto e família (NEVES; GOMES, 2011).

Conforme COSTA et al, (2009), salienta-se que as gestantes são o foco do pré-natal, contudo faz-se necessário que se inclua a família nesse momento impar da sua vida, onde o acompanhante possa transmitir mais segurança e mais confiança à gestante.

É considerado como um período de muitas transformações psicológicas, físicas e sociais da vida da mulher que se encontra grávida e também daqueles que participam no processo do nascimento do bebê, especialmente o futuro pai. Também implica em reestruturações, em reajustamentos interpessoais e nos intrapsíquicos, adaptações às condições sociais, mudanças de identidade, nos estilos de vida e os papéis de mãe e pai (COSTA et al, 2009).

As vivências de sentimentos vividos pelas gestantes variam por cada trimestre, onde no primeiro surgem manifestações da ambivalência, sendo as dúvidas sobre estar ou não grávida, além dos sentimentos de apreensão, alegria, irrealidade, até mesmo da rejeição do bebê (DARVILL, SKIRTON, & FARRAND, 2010).

As alterações fisiológicas da gravidez tendem a causar grande impacto quanto a qualidade de vida da gestante. Por isso a mesma deve estar sempre em um acompanhamento profissional e muito apoio da família para que seja uma gravidez de tranquilidade, sem turbulências (COSTA; ASSIS, 2010).

A prática de atividades é indicada em casos que não existem complicações, ou até em casos de diabetes gestacional, onde cada modalidade esportiva funciona de uma maneira, evitando esportes que causam descompressão; no entanto, qualquer tipo de esporte requer orientações específicas e acompanhamento. A atividade sexual deve ser evitada quando existe ameaça de aborto e parto pré-termo, fora isso, fica á escolha do casal realizar os atos sexuais (MONTENEGRO, REZENDE FILHO, 2014).

Apesar da gravidez ser um fenômeno normal na vida da mulher, pouca atenção tem sido dada às modificações físicas e psicológicas em seu estado de saúde e qualidade de vida, ou seja, as alterações da gravidez sobre a qualidade de vida das mesmas.

A gestação é um processo fisiológico compreendido pela sequência de adaptações ocorridas no corpo da mulher a partir da fertilização (COSTA; ASSIS, 2010).

É muito importante que a gestante conheça as modificações físicas que seu corpo irá passar, para melhor definir suas expectativas sobre a gestação e saber identificar fatores de risco durante a gravidez, assim como todos os sentimentos que poderão ocorrer.

Freire et al.,(2009, p.336) comenta que :

O uso do cigarro durante a gestação associa-se o maior risco de intercorrências maternas e tal observação é feita pela análise comparativa do risco de intercorrências entre as gestantes e não fumantes. Além disso, sabe-se que ocorre uma diminuição da quantidade de leite produzido pelas mulheres que fumam. Os achados mais recentes acerca dessa questão ainda são inconclusivos, pois não elucidam a relação entre níveis hormonais, produção de leite materno (lactogênese) e sua relação com a diminuição da quantidade de leite nas mães tabagistas. Diferenças nos níveis de prolactina entre as mães fumantes e que deixaram de amamentar e as que fumam e amamentam ainda não foram evidenciadas.

A gravidez passa a ser uma experiência transitória, bem complexa, de forma única e multidimensional, envolvendo as mulheres, os homens, a família e sociedade, não sendo um evento isolado. Ela faz parte do desenvolvimento humano, mobilizando uma atenção do meio em que a mulher se insere e de um sistema social (FREIRE et al., 2009).

A mulher, quando se encontra em seu período gestacional, tende a passar pelo processo intenso de transformações físicas, sociais e psicológicas, ligadas na constituição da paternidade e da maternidade (MALDONATO, 2010).

Conforme Hee e Young (2015) o corpo da mulher passa a ser totalmente modificada com a gestação, assim, a mesma tende a ficar mais fragilizada com toda a mudança. No entanto, o apoio das pessoas quanto o período de gravidez é muito importante para que seu emocional esteja bem.

O apoio de forma emocional e uma qualidade das relações conjugais tendem a propiciar á mulher algumas experiências positivas com relação ao período da gestação e do parto. Este apoio poderá ser oferecido por várias maneiras, onde uma delas pode ser a presença em consultas, nos exames e em outras atividades nas quais são realizadas a assistência do pré-natal (HEE; YOUNG, 2015).

Contudo para se ter uma boa gestação, faz-se necessário uma boa qualidade de vida. A presença das pessoas que fazem parte de sua vida e o acompanhamento em atividades rotineiras da gestação (MALDONATO, 2010).

No início da oitava semana de gestação, o corpo lúteo duplica de tamanho, observamos no corpo lúteo gravídico que há uma proliferação da camada luteínica, isso se dá devido a células mais volumosas, á maior vascularização e a uma reação luteínica tecal mais intensa (GUARIENTO; BRIQUET, 2011).

Através das pesquisas de Freire et al (2009) a gestação é uma etapa entre o processo do nascimento, onde é influenciada pelas prévias experiências dos envolvidos, em suas crenças, seus valores, suas culturas, educação, as condições socioeconômicas, os momentos vividos, além do acesso e da atenção ao pré-natal, e da qualidade dos cuidados prestados.

A gravidez modifica toda a anatomia do estômago e intestino, no terceiro mês a gestante está com o corpo inclinado para baixo e para a direita, já no sexto mês o estômago está em contato com a borda superior do útero, no oitavo mês sua curvatura é recalçada pelo útero deslocando o piloro para direita, o intestino grosso é erguido com o ceco, no décimo segundo dia há uma ptose do estômago e do intestino (GUARIENTO; BRIQUET, 2011).

Segundo Frutuoso e Bruggemann (2013) a gestação é o período em que há algumas mudanças e transformações físicas e na estrutura emocional pela ansiedade de estar gerando uma criança e saber que em pouco tempo ele nascerá, porém a gestação deve estar acompanhada de muitos processos para que ela seja feliz e desejada, onde contribuirá para que o bebê nasça sentindo boas energias.

A gestante que recebe um maior apoio no período do trabalho de parto possui maiores chances em não ser submetida ao parto cesariano e terem parto normal, sem o uso da analgesia, além da diminuição do tempo de trabalho de parto e das crianças apresentarem um melhor índice de pagar entre os primeiros minutos após o nascimento (FRUTUOSO;BRUGGEMANN, 2013).

Em quase todos os casos a mulher passa por momentos de ansiedade e tensão em querer que o bebê nasça logo, e em outros ela não quer que o bebê nasça logo para curtir um pouco mais deste período, pois é uma sensação de proteção e alegria em gerar uma vida.

O Ministério da Saúde passou a reconhecer a estrutura organizacional, sendo fundamental na importância da prática segura de captação das gestantes ao pré-

natal. Assim os ambientes devem facilitar o acesso e ações da saúde, com apoio laboratorial, aos medicamentos, instrumentos dos registros, além das referências e das contra referências (BRASIL, 2011).

A fase gestacional passa a ser um período importante na vida das mulheres. Esta fase tem a necessidade de cuidados pessoal e assistenciais em que possibilitem identificação dos fatores de riscos os quais comprometam a saúde materna, assim como a do feto. É através de uma assistência do pré-natal de forma adequada, esses riscos poderão ser identificados e assim minimizados.

Jardim (2009, p.21) afirma que:

É necessária a inserção do pai nos cuidados com a gestação, sendo incentivado pelas políticas públicas de saúde em nosso país, este homem é convidado a participar das consultas de pré-natal, de cursos preparatórios para a gravidez e o nascimento, além de participar das visitas às maternidades. E é orientado quanto a seus direitos enquanto homem e pai em formação.

A gestação é o período da preparação seja da figura paterna e da figura materna na geração e desenvolvimento do bebê ainda no ventre da mulher, e faz-se necessário, todos os tipos de esclarecimento para ambos, visto que estes, assumirão novos papéis com a chegada do filho (JARDIM, 2009).

4.2 REDE CEGONHA

A Rede Cegonha é um pacote de ações para garantir qualidade, atendimento seguro e humanizado a todas as mulheres. Uma estratégia inovadora do Ministério da Saúde destinada a implementar uma rede de assistência para garantir às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo e assistência humanizada à gravidez, parto e puerpério, e às crianças o direito a um parto seguro e crescimento e desenvolvimento saudáveis. São serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no planejamento familiar (CAVALCANTI SCP, et al.,2013).

Conforme Forte et al. (2016), a Rede Cegonha (RC) sistematiza e institucionaliza um modelo que garante a mulheres e crianças um atendimento humanizado e de qualidade, que lhes permita viver a experiência da gravidez, parto e nascimento com segurança, dignidade e beleza. Não se pode esquecer jamais que

dar à luz não é uma doença ou um processo patológico, mas uma função fisiológica e natural que constitui uma experiência única para a mulher e o parceiro envolvido.

4.2.1 Figura do pai no Pré-natal

O pré-natal acaba sendo um momento intenso de aprendizado ao casal e também para pessoas próximas. A assistência do pré-natal ocorre de uma forma a compreender todas as dificuldades que a gestante passa e oferecer o auxílio necessário, através do cuidado à mesma e seu parceiro (RESENDE et al; 2014).

Segundo Zampieri et al.(2012), o envolvimento do pai na gestação pode estar presente durante a sua participação nas consultas do pré-natal, porém, tal vínculo não deve ser restringido somente a essas comportamentos, mas sim deve incluir também nos vínculos emocionais que variam conforme o desenvolvimento do bebê, assim como características do pai.

A presença paterna durante o pré-natal é muito importante, pois tanto pai quanto mãe possuem a mesma responsabilidade na criação e afetividade na educação da criança (JARDIM, 2009).

Figueiredo; Marques (2011), evidenciam que os pais carregam muitas dúvidas sobre a gestação e sobre o desenvolvimento do bebê, assim entende-se que o pré-natal seja um momento oportuno para que todas as dúvidas dos pais possam ser sanadas.

Um programa de pré-natal acontece através de procedimentos e de condutas padronizadas, como exame físico geral, exames físicos específicos gineco-obstétricos, onde devem ser realizados de forma sistemática e avaliados nas próximas consultas até o momento do parto (ZAMPIERI et al; 2012).

As mudanças começam a ocorrer no meio familiar, sendo capazes de gerar sentimentos como angústia e receio, onde que devem ser trabalhados entre as consultas, através de um serviço assistencial qualificado, preparando a família, para vivenciar de uma forma mais segura e saudável o parto e o pós-parto. Contudo, cabe lembrar a intensidade quanto ao envolvimento no pré-natal, permitindo, que cada pai exerça a sua participação de acordo com a sua personalidade (SILVA et al; 2013).

Alguns pais estão se inserindo de forma ativa na gestação, fazendo o acompanhamento nas consultas do pré-natal, se inteirando cada vez mais sobre o

que ocorre na gestação, preocupando-se com o bem-estar e a saúde de sua companheira, assim como do bebê que está para nascer.

Silva et al. (2013) afirma que a participação dos pais nas consultas do pré-natal, tende a possibilitar de compreender sobre todo processo gestacional, podendo facilitar ao pai uma percepção da gestação que deve e a sua responsabilidade como pai, sendo assim, ele passa a se sentir mais ativo e participante.

Observa-se que durante as consultas do pré-natal, pouco se vê a presença paterna, mas que aos poucos eles estão se permitindo a participação nesse momento que é muito importante para ambos.

É preciso acolhimento por parte dos profissionais atuantes nos pré-natal, a fim de proporcionar as condições quanto à participação dos homens/pais nas consultas com as gestantes, desde o início do pré-natal até o momento da maternidade (RESENDE et al; 2014).

As consultas do pré-natal são capazes de acolher o homem/pai, de forma a proporcionar as condições da interação junto sua companheira durante todo esse processo.

Através das pesquisas de Silva et al. (2013) onde as puérperas relataram a justificativa de seus companheiros não participarem de consultas do pré-natal, é justamente pelo fato de seu trabalho.

Segundo Carvalho, (2009) um dos fatores que interfere na participação ou não dos pais nas consultas do pré-natal, são os horários de trabalho dos mesmos, que coincide com o horário das consultas, pois ocorrem no período comercial, assim torna-se pouco favorável a sua inclusão nas consultas, levando as gestantes a comparecer com outros integrantes da família ou mesmo sozinhas.

A presença do pai nas consultas de pré-natal torna-se muito importante no processo de humanização da assistência obstétrica. O distanciamento, seja da gestação ou do parto, pode causar um sentimento de solidão e de vazio na mulher (CARVALHO, 2009).

Acredita-se que a paternidade participativa tem uma relação positiva com a competência social, maturidade e a capacidade de se relacionar com a gestação. A presença paterna na família é diferente e complementa à materna, é apoio e segurança também (REBERTE; HOGA, 2010).

Figueiredo e Marques (2011) comentam a emoção que os pais vivenciaram no acompanhamento das consultas, demonstrando compromisso e apoio emocional voltado à gestante e ao mesmo tempo pelo fato de estarem criando vínculo afetivo com o bebê, se tornando gratos principalmente em saber que corre tudo bem com mãe e filho.

Diante disso, ressalta-se o incentivo dos profissionais da saúde como sendo um fator limitante na participação paterna no pré-natal, mas que aos poucos vão ganhando espaço, mas é preciso incentivar e acolher a figura paterna no ciclo gravídico puerperal, sendo uma demonstração da assistência humanizada, que promove o bem-estar entre mãe, pai e filho (FIGUEIRA; MARQUES, 2011).

É necessário que o homem proporcione à sua companheira apoio emocional, para que esta se sinta mais segura, fazendo com que o casal possa compartilhar as alegrias do nascimento, o que gera maior proximidade e intensificação do relacionamento. Com esta participação o homem torna a sua companheira o foco de atendimento, além de fortalecer seus potenciais e conhecimento para auxiliar a gestante, colocando-o em uma posição ativa e não somente de expectador no que diz respeito ao nascimento (SILVA et al; 2013).

SILVA et al. (2013) afirma que o homem quando acompanha a sua parceira em consultas do pré-natal, tende a se preparar emocionalmente para exercer sua função de pai, além de fazer com que o momento gestacional seja mais humanizado.

Para que ocorra adesão paterna ao pré-natal é necessário que os profissionais criem atividades e estratégias para que os homens façam os seus exames preventivos e tenham um acompanhamento na mesma época em que as mulheres estejam fazendo o pré-natal. Cria-se, assim, a oportunidade de realizar um acompanhamento do pai durante a gestação (BENAZZI et al, 2011).

A presença paterna nas consultas e nas atividades do pré-natal é muito importante para que a gestante esteja à vontade para continuar com as consultas.

Esta limitação de oferta de horários é negativa pois, conforme estudos apontam, a inserção do homem no pré-natal diminui a ocorrência de doenças infecto contagiosas congênitas, e proporciona uma maior consciência sobre os cuidados que ele deve ter consigo durante a gravidez. No âmbito individual, a participação paterna no pré-natal faz com que o envolvimento com a gestante seja maior,

conseguindo atender suas necessidades e preparando-o para participar de forma ativa no cuidado (BENZAZZI et al; 2011).

Os homens quando participam das consultas durante o pré-natal, torna-se algo muito importante a ser trabalhado, em se tratando da formação dos vínculos familiares, pois seu envolvimento é algo muito complexo, em especial na fase do nascimento do bebê, quando a rotina é alterada.

A paternidade pode estar dividida por três modelos que é o tradicional, o moderno e o emergente. Quando tradicional, a figura paterna está relacionada diretamente ao poder e autoridade, tendo pouco envolvimento de forma direta com filhos. A moderna, a figura paterna tende a estar relacionada á moral e á educação, sendo pai quanto ao desenvolvimento moral. A emergente traz os homens em fase psicológica, capazes da participação de forma mais ativa com os cuidados e na criação dos seus filhos (RODRIGUES; CHALHUB, 2014).

Existem algumas situações que podem influenciar as funções da paternidade, assim como o modo a serem executadas. As transformações da fase da paternidade tende a revelar as tensões e relações afetivas.

Na perspectiva de participação paterna no pré-natal, percebe-se que é preciso que haja mudança na relação pai e filho, sendo necessário romper valores sociais que persistem. Devem-se incentivar os pais a terem um relacionamento familiar baseado no amor, carinho e afeto, pois as questões econômicas são necessárias para a sobrevivência, mas não são mais importantes que as questões afetivas (FREITAS, 2009).

Um dos principais fatores que levam á falta da participação dessa população masculina no pré-natal é, portanto, o fato no qual culturalmente possui a função em suprir todas as necessidades, sendo elas econômicas.

Shia e Alabi (2013) relata o interesse de alguns pais em participar dos grupos de pré-natal, além do desejo de acompanhar o nascimento dos filhos. Estas aulas podem servir como, momentos para que o homem possa expressar os seus sentimentos e suas emoções de tornarem-se pais, além de esclarecerem quanto ao processo gestacional, preparando-o para o parto.

É necessário que o pai conheça a rotina de cuidados com a gestação, mas para, isso, o mesmo precisa de um consentimento de seus supervisores para se ausentar de seu local de trabalho.

Para que seja formalizado um grupo em educação para saúde ao pré-natal, onde incluiu uma participação do pai, é muito importante que sejam considerados as funções que os pais exercem nos dias atuais no mundo do trabalho, onde tendem a possuir dificuldades para ausentar-se do trabalho, ou ter acesso a autorização para participar das atividades relacionadas à saúde. É necessário oferecer alguns horários flexíveis, com opções durante um período, para os pais poderem participar (REBERTE; HOGA, 2010).

Apesar de algumas dificuldades enfrentadas pelos pais no que se refere a ausência no emprego, alguns conseguem participar da gestação do seu filho, pois é um momento muito desejado. Outros não conseguem o benefício de sair do trabalho para fazer esse processo (BRASIL 2013).

O pai, por muitos, ainda é visto como um ator coadjuvante no processo dos cuidados com o bebê, onde ele não possui mesmos direitos que a mãe, quanto à licença ao serviço por períodos prolongados, ou flexibilização dos seus horários no trabalho para participar das consultas do pré-natal, tampouco possui um espaço para que possa compartilhar as ansiedades e as experiências com relação a gravidez e para aprender sobre todos os cuidados necessários no período da gestação, do parto e puerpério (RIBEIRO et al; 2015).

Contudo, muitas vezes os pais ficam frustrados pelo fato de não conseguirem participar e acompanhar o período de pré-natal, mas procuram estar sempre se orientando e questionando a gestante como foram os procedimentos no dia da consulta.

É de fundamental importância a participação do pai na assistência aos pré-natal, onde no período das consultas, profissionais da saúde poderão orientá-los quanto ao processo gestacional, podendo enfatizar as modificações fisiológicas e psicológicas que ocorrem na gestação, estimulando assim a interação do casal e uma participação no parto e no puerpério (FIGUEIREDO; MARQUES, 2011; FERREIRA et al., 2014).

Apesar de alguns estudos descreverem sobre a importância de se ampliar a assistência ao pré-natal onde envolve o parceiro da gestante, nem todos os pais conseguem realizar este desejo, pois possuem algumas dificuldades no acompanhamento mensal (CARDOSO et al; 2018).

4.2.2 Participação Paterna no parto

O parto significa momento de nascimento de uma pessoa. A assistência no parto deve ocorrer de forma segura, garantindo à mulher benefícios que o avanço científico oferece, estimulando e permitindo o exercício da autonomia das mulheres, resgatando liberdade durante o parto (MELO et al.,2015).

Petito et al. (2015) descreve que a presença do homem possui uma grande influência sobre a mulher na hora do parto, o que tenda a possibilitar que ela se sinta mais segura, protegida, amparada e satisfeita, podendo dividir com o seu companheiro as dúvidas e a ansiedade desse momento.

O pai normalmente vivencia intensa ansiedade em relação a parto, ocorrendo pela falta das informações, medo de conhecer o desconhecido, imprevistos, risco que a mãe ou filho podem correr de ser submetidos no ato do nascimento, dentre vários fatores.

Para Perdomini e Bonilha (2011), a presença paterna é essencial no momento do parto, levando força, segurança e apoio para a mulher, trazendo assim, muitos aspectos positivos e tornando esse um momento muito especial na vida dela.

Durante o parto, os homens, na condição de acompanhante, tendem a ficarem nervosos, ter medo ao ver sangue, sentir-se mal com o procedimento, desmaiar ou até mesmo atrapalhar alguns procedimentos, mas para a mulher a presença de seu companheiro é um ato de carinho e segurança (BATISTA; FARIAS & MELO, 2011).

O pai tende a ser considerado um acompanhante primordial na hora do trabalho de parto ou do parto, devido aos fatores que diz em respeito à formação dos vínculos e representação dos laços da família, pois quando acompanha no nascimento de seu próprio filho, este estaria enfatizando a sua paternidade e agregando valores a seu papel (PERDOMINI; BONILHA, 2011).

O novo cenário quanto à humanização na hora do parto, favorece a presença do pai na hora do nascimento do bebê, e contribui para que a mãe esteja mais segura com a presença de alguém que é importante para ela e para o filho, dando mais confiabilidade no processo de nascimento. (SANTOS e SATÔ, 2014).

O pai na atualidade não mais deseja copiar um padrão antigo nem ocupar lugar da maternidade. Esse pai busca os seus parâmetros pessoais para construir uma relação de forma mais afetiva com os seus filhos, de acordo com o que a

sociedade exige. É fundamental que sejam compreendidas as inúmeras mudanças quanto ao atual papel do gênero, especialmente o masculino, relacionadas quanto à formação de famílias, novas funções na figura paterna frente à família na atualidade, como acompanhar o trabalho do parto e parto (DESSEN; OLIVEIRA, 2013).

O pai se considera muito importante na hora do parto e o seu papel neste contexto é de sentimento de integração familiar, e poder experienciar este momento com a parceira, sendo ele muito interativo para a vida dos dois, o que leva a grandes experiências.

Aspectos culturais e históricos que permeiam a função paterna tornam necessários para uma compreensão das dificuldades em relação as quais este pai depara-se, pois a inserção masculina ao trabalho de parto, assim como no nascimento do bebê, são bastante complexas e, na maioria das vezes, ocasionam uma instabilidade e insegurança em relação à parceira, dificultando a sua adaptação ao novo papel. Esses obstáculos, advindos da representação social do homem associada à sua função de provedor, podem dificultar sua presença ao lado da companheira durante o parto, porém não impedem que ocorra envolvimento afetivo com o filho e a ampliação da participação paterna no cuidado da gestante e do feto (BORDIGNON et al, 2013).

Segundo Dessen e Oliveira (2013) os pais muitas vezes se emocionam de uma maneira intensa no momento do nascimento da criança, principalmente quando este percebe que está tudo bem com o nascimento do filho e com a saúde da mãe. Estes sentimentos reforçam a sua presença no momento do nascimento.

A compreensão do pai quanto ao parto poderá servir como base para uma estruturação das atividades assistenciais humanizadas em se tratando dos profissionais da saúde, voltando-se às necessidades dos homens como acompanhantes, atuando numa maneira mais efetiva ao apoio e no acolhimento da mulher durante o nascimento (CAIRES e VARGENS, 2012).

Nesse sentido, os pais procuraram estar presentes e manter um pouco a calma durante o período de trabalho de parto, pois acreditam que, estando ao lado das mães, podem transmitir a segurança necessária para que o nascimento do filho seja com maior tranquilidade.

Demonstrar os sentimentos afetivos à família e manter o cuidado com seus filhos tende a revelar a visão da paternidade onde começa rompendo com um papel tradicional de pai. A partir do desejo desses pais em viver a relação mais afetiva e

de carinho com a família permite assim, que experimentem inúmeras relações com os seus filhos (FREITAS et al; 2009).

Os pais sentem um turbilhão de sentimentos ao ver o bebê nascendo, principalmente quando percebe que ocorreu tudo bem no processo de nascimento e que ambos estejam bem, o que reforça a presença posteriormente na vida de mãe e filho.

Essa primeira aproximação com o filho também suscita nas homens preocupações paternas quanto ao futuro e o bem-estar de sua família, no sentido de garantir-lhe subsistência e proteção. Embora o pai tenha o desejo de ser mais amoroso e envolvido com o filho, coexiste a percepção da paternidade como a aquisição de mais um encargo social do homem, o que dificulta a ampliação da visão de paternidade enquanto espaço de envolvimento afetivo (FREITAS et al; 2009).

Estudos comprovam que o pai que presencia o processo do nascimento de seu filho, as suas expectativas, os seus sentimentos, os significados, enfocam como se tornam para ele o ato de estar no momento do nascimento do bebê, como um acompanhante.

O envolvimento do pai, contribui a melhoria da ligação emocional do mesmo com o filho, onde conforme as especificidades e expectativas deste pode haver repercussões positivas também ao casal e sociedade. Com essa perspectiva, ao compartilhar este momento do nascimento, a mulher pode contar com a parceria de seu companheiro que tende a ser os variados aspectos facilitadores no trabalho de parto à parturiente (LONGO et al; 2018).

Em decorrência do parto se tratar de um fenômeno, permeado de mitos e de tabus das mais diferentes culturas ou risco, o homem tende a se preocupar com a evolução da gravidez, temendo pela vida da sua companheira na hora do parto de modo com que queira estar presente neste momento.

É fundamental o elo que ocorre entre mãe-pai-filho durante o período da gestação, considerando que uma presença ativa do pai tende a encorajar a mãe, além de caracterizar como sendo um aspecto positivo para o sucesso do parto (SILVA, et al, 2012).

O fato de haver uma maior participação masculina tende a demonstrar desejo do homem em tornar-se parte de forma integrante no processo de nascimento do

filho e não somente um espectador. A presença masculina na hora do nascimento, permite um delineamento do seu novo papel.

O parto aos poucos, vem estando presente no imaginário masculino, mobilizando um desejo em conhecer e de participar deste evento. Onde, embora os pais mobilizem-se em busca de informações, as mesmas não serão suficientes para a garantia da segurança, em diminuir a ansiedade, proporcionar uma confiança para a mulher para o acompanhante (GONZALEZ et al; 2012).

Os pontos de forma positiva, vivenciados pelos acompanhantes na hora do parto estão relacionados com a maior intimidade que possam ter com sua mulher, pela admiração e força, numa sensação de orgulho, assim como a satisfação da chegada do novo integrante da família.

O fato em haver uma maior participação paterna demonstra, portanto, o desejo do homem em tornar-se parte integrante no processo, não somente um espectador. Com a inserção masculina ao nascimento do bebê permite assim o delineamento de um novo papel. Alguns pontos positivos nos quais são vivenciados pelos acompanhantes nesse contexto podem estar relacionados a uma maior intimidade com a companheira, desde a admiração pela força, orgulho e a satisfação com a chegada do filho (GONZALEZ et al, 2012).

Entretanto para Carvalho (2009), durante ao processo de preparação do parto, o pai da criança deve estar atento quanto às necessidades físicas, assim como as emocionais da gestante. A escolha na qual será a forma do parto deverá ser decisão tomada conjuntamente, mas sempre observando a situação clínica em que a mesma se encontra, mas que a mulher possui direitos de escolher a forma na qual ela gostaria de que o bebê viesse ao mundo, uma vez que ela esteja saudável.

O processo em gerar o filho abrange algumas vivências comuns nas quais são partilhadas, onde também envolvem as implicações de formas diferenciadas para as mulheres e homens. O parto, passa a não ser absolutamente previsível aos termos de horário, data, circunstâncias e ou intercorrências possíveis, onde remete a uma falta de controle de situação dos pais. Está vinculada à internação hospitalar, em todas suas implicações às múltiplas formas de sentimentos vivenciados por eles, no qual se vinculam com a conformação de relações ao campo de tríade mãe, o pai e o filho (CARVALHO, et al; 2009).

Nessa perspectiva do nascimento do bebê, alguns pais, podem ficar meio confuso no momento do nascimento, não conseguindo descrever os sentimentos, as expectativas e significados que são vivenciados por eles durante a sua participação no momento do nascimento.

Krob; Piccinini; Silva (2009) mencionam uma grande preocupação advinda dos pais referente à possibilidade de algo errado ou imprevisto na gestação, relativa à gestante e ao bebê entre no momento do parto, sendo uma necessidade sua participação neste momento.

A participação do pai no momento do parto pode influenciar diretamente quanto à formação dos primeiros vínculos paternos com o bebê recém-nascido, onde ocorre de uma forma emocional e apoio à mulher, qual passa por trabalho de parto, assim como o parto.

Vieira et al. (2014) pontua que os pais se encontram emocionalmente conectados a este momento de gestação, ansiosos pela chegada do bebê, onde demonstram uma preocupação na hora do parto.

O parto para o pai, gera tanta ansiedade quanto para a mãe, pois a chegada do bebê está sendo esperada durante todo o período da gestação, assim é de grande importância o acompanhamento do mesmo neste momento, pois se sentirá cada vez mais seguro para os próximos acompanhamentos quanto ao desenvolvimento da criança (VIEIRA et al; 2014).

Os variados sentimentos positivos nos quais são evidenciados tende a confirmar quanto uma vivência neste momento pode ser intensa, servindo assim como um argumento aos defensores da participação dos acompanhantes no trabalho de parto, assim os benefícios nos quais são atribuídos por eles quando presenciarem o nascimento do filho serão portanto, incalculáveis (ALEXANDRE ; MARTINS, 2009).

Alexandre e Martins (2009) relatam a importância do vínculo do pai com o bebê ainda na barriga da mãe é cada vez mais valorizado na sociedade, estabelecendo convivências cruciais em relação à função paterna e consiste em uma mudança progressiva na forma do homem perceber e interagir com o contexto que está inserido e criar laços mais fortes, função paterna vai muito além de cuidar.

Para Perdomini (2010), faz-se necessário que o pai ou companheiro da gestante seja bem informado quanto ao processo do parto e do nascimento do bebê,

pois a desinformação tende a deixá-lo com uma sensação angustiante e ansiosa durante o período em que a mulher sentir as dores de trabalho do parto, associando-as com sofrimento. Ele deverá se sentir bem confiante e desempenhar um papel muito importante em apoio emocional à mulher. A equipe deverá comunicar-lhe que, poderá acompanhar o trabalho de parto, além do nascimento do bebê, se a mulher desejar.

Com a relação que o pai pode contribuir ao nascimento do filho, é possível citar não somente o apoio material, mas também o apoio emocional á gestante que se constitui em uma importante função atribuída ao pai, sendo que na hora da parte ele entenderá o real motivo pelo qual deve acompanhar a mãe (PERDOMINI, 2010)..

A presença paterna na sala do parto, onde acompanha todo o trabalho do parto e o parto, estando presente nas alterações durante este período e do nascimento, poderá apoiar sua companheira ou esposa numa forma contínua, trazendo benefícios, além de recordações positivas nas quais podem tornar-se inesquecíveis por toda a vida dos mesmos (PERDOMINI, 2010).

É nesse sentido, que o pai se envolve com o bebê durante a gravidez e no parto que irá favorecer a vinculação precoce entre pai e bebê e ativa respostas emocionais e os cuidados para vida. (ALEXANDRE; MARTINS, 2009).

4.2.3 Participação Paterna no Puerpério

Puerpério é o período que ocorre logo após o parto, também chamado pós-parto. Nesta fase, o corpo da mulher está se recuperando da gravidez, passando por uma série de modificações físicas e psicológicas. Durante o período pós-parto, a mulher é chamada clinicamente de mulher pós-parto. No decorrer deste período, como no atendimento pré-natal, a mulher deve manter alguns cuidados para alcançar a recuperação total e evitar problemas de saúde (BRASIL, 2015).

Constata-se que neste ciclo puerperal tende a representar a possibilidade do amadurecimento do casal quanto ás responsabilidades de mãe e pai no cuidado e recuperação com a saúde da mesma, estando os dois envolvidos de forma a cuidar do bebê (BRASIL, 2015).

Após o nascimento do bebê, a rotina do pai e da mãe tende a ser facilmente e também normalmente modificadas. O novo participante da vida dos pais começa a modificar a relação entre marido e mulher, tendo uma ligação de estreitamento com

o filho, sendo ela sentida não somente no ciclo mais íntimo e pessoal, mas também em um aspecto mais abrangente, no que tange á formação da família, mesmo que a criança ainda não perceba (PICCININI et al, 2012).

Piccinini et al. (2012) ressalta que o homem possui a um papel apenas provedor em seu lar, ou seja, assim como as mulheres assumem a responsabilidade de ter e cuidar dos filhos. Nos tempos atuais, esta concepção foi modificada e passou a estar ao lado da mãe desde a gestação até o nascimento do filho.

Almeida et al. (2014) pontuam que no período de pós-parto, geralmente o homem passa a atuar como um suporte emocional, participando dos momentos iniciais junto com sua nova família, auxiliando assim a mulher quanto as atividades nas quais ainda são novidades para ambos.

O envolvimento paterno nas fases desse ciclo gravídico puerperal tem vários efeitos positivos no desenvolvimento infantil, contribuindo para uma maior competência em responsabilidade e capacidade de apoio emocional das crianças no futuro, também afirmam que o envolvimento paterno contribui para ajudar a criança. prevenir efeitos de possível depressão materna no puerpério (ALMEIDA et al,2014).

O estudo de Brito, Oliveira e Brito (2009) revela que os pais participam do período de puerpério de sua companheira através das atitudes quanto ao cuidado com o bebê, assim como com ela também. Esses cuidados estão relacionados não só apenas ao filho recém-nascido, porém com os outros filhos que já poderão ter, no que se refere aos cuidados de higiene, educação e outros.

Para Melo et al, (2015) a interação do pai e a sua participação no puerpério, tende a desenvolver atitudes quanto ao cuidado com a sua companheira, oferecimento conselhos nos quais buscam estimular e reestabelecer fisicamente, prevenindo os possíveis problemas de saúde e se dedicando com o filho recém-nascido.

É no puerpério, sendo a terceira e também última fase, na qual toda rotina familiar passa a ser modificada, e o vínculo passa a ser concretamente formado, normalmente é nela que as dúvidas com relação ao futuro da criança tendem a surgir (ALMEIDA, 2005).

Para Almeida (2005) todo pai possui dúvidas e anseios quanto aos cuidados com o bebê, assim como deve agir com a atenção e cuidado também com a mãe. É neste período do puerpério que a mulher passa a adaptar-se com a nova fase de

cuidar de uma criança e adaptar-se ao novo e a presença do pai neste momento será de grande importância.

O cuidado paterno, assim como o apoio à mulher no ciclo gravídico e puerperal, antes não seria tratado de forma essencial aos cuidados da companheira. Atualmente, a presença do homem neste ciclo é de fundamental importância para que essa fase seja mais tranquila e confortável para a mulher (BRASIL, 2011).

Segundo Brasil ,(2011) a forma com que o pai participa, assim como se dedica na fase do puerpério traz muitos benefícios para uma ligação afetiva ainda maior, estreitando os laços familiares e passando a compreender a grande necessidade de cuidar da mulher nesta fase, pois é uns períodos no qual a mesma está ainda se reestabelecendo do nascimento do filho.

Levando a confirmação de que esta fase do puerpério á mulher tende a necessitar de apoio, torna-se imprescindível que a presença do pai, além da participação ao cuidado destinado ao bebê, também participe da atenção á sua companheira no que tange ao fator emocional, sendo prestativo e estando disponível para o que precisar, assim, o pós-parto passa a adquirir sentido de cuidados (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

O estudos de Brito e Oliveira (2009) o puerpério é também uma fase na qual o pai passa a se adaptar ás mudanças que ocorrem no ambiente familiar, pois nela ele já não tem mais os cuidados de seu esposo e sim precisa de cuidar dela e da criança e esperar uma longa fase até que as coisas vão se encaixando e assim ambos passarem a se adaptar a ela.

Observamos, portanto, que ser um pai é demonstrar afetividade e participação na gestação, dando apoio também á companheira em todo o ciclo gravídico puerperal, concordando em dividir tarefas demandadas, se dispondo de paciência, de atenção, de segurança e de amor (ZAMPIERI et al; 2012).

Conforme Zampieri et al. (2012) a relação do envolvimento paterno, nesta fase, também pode trazer algumas dúvidas nas quais ele não conseguirá compreender e assim passar por alguns momentos de indecisão em algumas atitudes. Para isso o mesmo poderá recorrer a ajuda, em se tratando dos conhecimentos de como deverá agir, a profissionais ou pessoas que já passaram por este período, para melhor compreensão e cuidado com mãe e filho.

Além de cuidados paternos nos quais são proporcionados às crianças, considera-se que no estado de puerpério, os homens, necessitam ofertar os cuidados com as suas companheiras, deixando-a mais segura da maternidade (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

As atitudes como dedicação e a preocupação com o bem-estar e saúde do bebê, assim como o reconhecimento que a mãe e filho requerem atenção pós-parto, tende a desenvolver no pai um empenho do seu papel de protetor familiar e assim estar mais perto de ambos nesta fase (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

Na gestação, no parto, no nascimento e no puerpério podem ocorrer para o pai, alguns acontecimentos cheios de anseios, pois compõem algumas ocasiões advindas de crises construtivas, tendo forte potencialidade de maneira positiva para a criação de vínculos com a nova fase familiar, onde ocasionou diversas modificações pessoais (BRASIL, 2013).

Para Brasil. (2013) a presença da figura paterna, muitas vezes torna-se esquecida durante este período da gestação e do puerpério, porém alguns estudos apontam a participação assídua do pai neste período gestacional que vai deste o pré-natal, o parto e o nascimento do bebê, trazendo benefícios emocionais para ambos e colaborando para que a mães se recupere mais rapidamente.

Soares et. al. (2015) afirmam que o homem muitas vezes se sente no direito de zelar pela sua mulher, neste período do pós-parto e do puerpério, buscando preservar a saúde de todos. O mesmo se sente na obrigação de tomar conta de sua esposa e também de seu filho.

É preciso que seja avaliado as condições nas quais o pai se envolve em todo período no qual é compreendido a gravidez e puerpério, não sendo como mero espectador, mas sim sendo um sujeito ativo em sua participação e importância quanto exerce a paternidade.

Para Ribeiro et al.(2015) apesar de o período gravídico-puerperal ser fundamental na construção da paternidade, muitos pais não se sentem participativos e nem integrantes deste período.

Isso ocorre devido ao fato de não conseguirem estar presente em todos os momentos, no cuidado em que a mulher precisa, após o parto, onde na maioria das vezes é feito por alguém do sexo feminino.

4.2.4 Participação do pai na puericultura

A puericultura (do Latim *puer*, *pueris*, que quer dizer "jovem", "juvenil" ou "infantil"). Embora conhecido por tratar bebês durante o nascimento e os primeiros meses de vida, o cuidado infantil, em sentido amplo, também é responsável pelo tratamento pré-natal ou pré-conceitual, evitando doenças ou anormalidades prováveis que podem comprometer a qualidade do atendimento, vida e bem-estar da criança (SANTOS; HENRIQUE; SILVA, 2009).

Nesse momento, o pai tem duas demandas, uma delas é o papel cultural que a sociedade impõe como provedor de sua família, a outra como participação e envolvimento na criação do filho.

Para Jager e Bottoli (2011) a participação do pai nos cuidados com o bebê é um processo que deve ser iniciado na gestação e depende do seu desejo, assim como da postura da mãe para envolver este pai e possibilitar assim, a sua entrada nesta relação.

No cuidado com o bebê recém-nascido, o pai, procura estar ativo nesta questão da ajuda a mãe que tende a se encontrar em fase de adaptação e de novas mudanças em seu corpo.

Tais transformações ocorrem não somente na vida da mulher, mas também na vida do homem, pois ao nascer uma criança, nasce uma mãe e um pai. Devido às grandes mudanças advindas desse período, a mulher no ciclo gravídico puerperal necessita de apoio social, profissional e familiar, sendo que dentre todos, os familiares e o suporte paterno são considerados as principais no cuidado do bebê (SILVA, SANTIAGO; LAMONIER, 2012).

Para Silva, Santiago e Lamonier (2012), devido ao fato do homem estar mais presente no convívio familiar, ele também passou a participar da gestação e criação dos seus filhos, contribuindo assim para o revezamento das obrigações e na educação dos filhos, passando a estar mais presente.

Segundo Santos e Kreutz, (2014) a interação entre o pai e o bebê é mediada pela figura materna, ela pode compartilhar com o pai o que está sentindo, ajudando-o na construção do sentimento de paternidade e na criação de vínculo, contribuindo para que ele possa sentir-se pai durante a gravidez e não somente após o nascimento da criança.

A inclusão paterna, nas atividades rotineiras após o nascimento do bebê, está cada vez mais sendo notada, onde o pai já passou a cuidar da alimentação, da higiene e da rotina do filho, de forma a contribuir com os cuidados e com o revezamento com a companheira (SANTOS; KREUTZ, 2014).

Segundo Figueiredo e Marques (2011) a inserção do homem no acompanhamento pré-natal contribui para o estabelecimento do vínculo entre o pai e o bebê, mantendo os cuidados necessários para que o mesmo crie laços afetivos paterno.

Quando o pai é presente, o bebê percebe e a noção do mundo, é iniciada de forma segura, consciente e feliz. Portanto, são bem amplas e sérias, afinal podem ser percebidas, e por isso a oferta de carinho, e conversa, mesmo que ainda o bebê não perceba isso, mas a sensação de crescimento do vínculo a cada dia que passa aumenta (BENCZIK, 2011).

Santos e Kreutz (2014) consideraram que o envolvimento paterno no processo gestacional constitui-se a base para o relacionamento entre o pai e o bebê, após o nascimento da criança. Contudo, apesar da importância da presença paterna tanto para a mulher quanto para a criança, ainda em formação, sua presença no pré-natal não é frequente.

Segundo Benczik (2011), um ponto importante, o pai pode cuidar do bebê de forma direta como, nos cuidados básicos, ou seja, se responsabilizando pela higiene, a hora de dormir, assim mantém aproximação com contato físico e dando suporte e incentivo à mãe na hora da amamentação.

Vieira e colaboradores (2009) referem o papel do pai como significativo para promover um contexto propício para o desenvolvimento dos filhos. Estudos com animais podem ser indicativos do cuidado paterno, na medida em que tem sido demonstrada uma capacidade do pai em fornecer cuidados diretos e interagir afetivamente com os filhos, indo além da capacidade de fornecer cuidados indiretos (defesa e sustento). Dessa forma, o estudo do comportamento paterno deve buscar compreender a história filogenética da espécie interagindo com aspectos do contexto em que este ocorre.

A participação do pai é fundamental nos cuidados com o bebê, engajar o pai no acompanhamento e desenvolvimento possibilita ao bebê melhor qualidade de vida e vínculos afetivos saudáveis, o pai quando presente, demonstra interesse em

participar ativamente no acompanhamento, seja na parte alimentar ou na higienização do bebê.

À paternidade e à maternidade são atribuídas responsabilidades de prover à prole cuidado e suporte afetivo e material necessários. O pai, de autoridade patriarcal passa a ocupar a função de participante da organização familiar e com direito/dever nem sempre reconhecido, de participar da formação, convivência afetiva e desenvolvimento dos filhos. Na visão jurídica a paternidade é estabelecida no momento em que o pai reconhece e concede seu nome a seu filho. Por meio do registro civil surgem direitos e obrigações de sustento, guarda e educação (RENON, 2009).

Renon (2009) relata a paternidade ativa e consciente promove impactos relevantes no desenvolvimento do bebê e em todo seu processo criando laços afetivos mais fortes e o contato do pai direto com o bebê tem grande influência em uma fonte de suporte emocional e concreto para a mãe.

Saraff e Srivastava (2009) referem a paternidade como um fenômeno social importante para a infância e que, portanto, o envolvimento paterno em termos de participação em atividades, frequência dessa participação e no cuidado com o filho, tem sido investigado por pesquisadores.

No mundo atual, a família mudou muito e é importante ter em mente que o pai deve estar envolvido e propiciando mudanças nas rotinas, o novo pai demonstra de forma mais clara em estabelece uma relação que implica assumir parte das tarefas e do cuidado com o bebê (SARAFF; SRIVASTAVA, 2009).

Quando o homem passa a perceber os movimentos do bebê, escuta os batimentos e o visualiza através do ultrassom, ocorre o rearranjo do estado “imaginário” para o estado “concreto”, abrindo assim o caminho para o exercício da paternidade (ZAMPIERI et al, 2012).

Para Brasil (2013) o reconhecimento de que a paternidade afetiva tem um grande e importante impacto no desenvolvimento físico, emocional e social para o bebê, trazendo bem-estar para toda família. Na atualidade a figura paterna tem sido observada com os cuidados e relação com o bebê.

Oliveira e Brito (2009), o qual demonstra que a importância da figura paterna no cenário do cuidado começa a ser percebida pelos homens/pais e diante disso, com o passar do tempo este pode tornar-se cada vez mais presente na assistência e cuidados com o bebê.

O pai ao prestar seus cuidados com o bebê desenvolve estratégias de comunicação que contribuem para o fortalecimento de vínculo e desta forma o bebê aprende a reconhecer a cada dia a sua figura paterna se tornando uma relação de proximidade (BENCZIK, 2011).

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Kroc, Piccinini e Silva (2009), onde a grande maioria dos pais, no que se refere ao relacionamento do casal, foi capaz de perceber mudanças na esfera emocional. Além disso, destacaram também a aproximação do casal, sendo o bebê visto como uma concretização da união amorosa com suas companheiras.

A paternidade participativa que se caracteriza pelo envolvimento do dia a dia do bebê e possuem influências marcantes na execução das demandas das funções paternas, permitem estabelecendo e uma parceria. Neste envolvimento paterno presente em todos os momentos da vida do bebê é imprescindível, e claro em toda a sua vida. Mas, a vida do bebê envolve muitos cuidados, dedicação e carinho de pai e de mãe (KROC; PICCINININI; SILVA, 2009).

A ação do pai é determinada pelo resultado do seu auto interação (emocional, psicológica), e da interação com sua companheira, filho e ambiente no qual está inserido. Sua atitude de cuidar é construída em resposta ao significado que a companheira e o filho têm para ele como partes do seu núcleo familiar (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

Em função das grandes transformações culturais, sociais e familiares que vem ocorrendo muitas mudanças significativas em relação ao atual papel do pai na estruturação psíquica e cognitivo do bebê, daí o processo de evolução e resultados positivos.

4.3 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PRÉ-NATAL

Os profissionais de Enfermagem lidam com as pessoas, se relacionam e vivem no dia-a-dia situações de urgência e de conflitos, onde o profissional tem profissão reconhecida pela Lei do Exercício Profissional (Lei Nº 7.498, de 25 de junho de 1986) e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (Resolução Cofen nº 311/2007). (BRESCIAN, R. H., 2016).

O enfermeiro atua de forma preventiva, promovendo e restaurando a saúde humana individual e coletivamente, sempre visando a efetividade do cuidado e promoção da saúde, garantindo o acesso universal aos serviços de saúde, no caso de gestantes não é diferente (GOMES et al, 2019).

Na consulta do pré-natal, com abrangência ao PSF, os enfermeiros são essências ao atendimento e à assistência do pré-parto, do parto e do pós-parto, por se tratar do profissional totalmente capacitado para o atendimento às expectativas do nascimento e às necessidades de gestantes em período de transformações (BEZERRA, 2019).

Devemos conceituar sobre a consulta da enfermagem, referindo-se a um ato de aconselhamento, sendo este um procedimento, onde dá-se entre a relação de um auxílio aos primeiros passos de gestação e do enfermeiro, buscando soluções para os problemas em que pode ser identificado (GOMES et al, 2019).

Entretanto para Shimizu; Lima (2009), a consulta de enfermagem é considerada como um instrumento de extrema importância que tem a finalidade de garantir a extensão e cobertura do pré-natal, por meio de ações preventivas e promocionais às gestantes.

O enfermeiro tende a orientar, numa forma eficaz, sobre a importância do pré-natal à gestante para que ela possa estar consciente que deve comparecer a todas as consultas durante o período, com a finalidade de garantir atenção na saúde de mãe e filho, podendo prevenir, além de diagnosticar e de tratar de forma precoce as intercorrências que podem acontecer neste período gestacional (SHIMIZU; LIMA, 2009).

A consulta em enfermagem para tornar-se eficaz é necessário que obedeça aos protocolos, objetivando a eficácia no atendimento e a obtenção dos resultados de forma positiva, para isso essas unidades de atendimento adotam como um protocolo: o caderno da atenção básica do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012).

A consulta da enfermagem no pré-natal tende a ganhar uma relação diferente no que se refere à implantação do atendimento assistencial numa forma integral, com mais qualidade, onde visa à efetividade quanto a prevenção e a recuperação dos agravos a saúde (GOMES et al, 2019).

O Exercício Profissional de Enfermagem no Brasil, o enfermeiro amparado por Lei, poderá acompanhar de forma integral o pré-natal das gestantes que

possuem baixo risco, e trabalhar as perspectivas de promoção e de educação da saúde, prevendo agravos e agindo como agente de humanização (BRASIL, 2012).

O acompanhamento e o acolhimento da enfermagem com a gestante no período de pré-natal proporcionam uma promoção e a prevenção, assim como tratamento das possíveis intercorrências neste período gestacional e também pós-parto, preparando assim, a gestante a realizar puerpério mais saudável e mais tranquilo (SILVA et al, 2014).

É também de responsabilidades da enfermagem, a prestação de atendimento de uma forma ágil, a fim de garantir o processo de diagnósticos. Ter precisão, assegurar a continuidade dos cuidados nos quais lhes foram delegados e mantendo-se sempre atualizado em seus conhecimentos fornecendo assim, um aperfeiçoamento profissional (OLIVEIRA; TRINDADE, 2010).

Oliveira e Trindade (2010) relatam o enfermeiro (a) desempenha um papel muito importante para que o pré-natal ocorra com qualidade, uma vez que a equipe de enfermagem está apta na realização da assistência humanizada, sendo baseada em atenção às indagações da paciente, prescrevendo e executando todos os cuidados, as orientações durante o período de atendimento.

Os profissionais de enfermagem, são responsáveis pelas buscas ativas das gestantes sem a iniciação do pré-natal ou que não tenham conhecimento quanto á importância de exames nos quais são solicitados e realizados durante o pré-natal, concomitantemente trazer essa gestante para acompanhamento, orientação e tratamento se assim for necessário (BRASIL, 2012; TEIXEIRA, 2013).

O enfermeiro, nas consultas de pré-natal, deve estar abordando sobre a sexualidade no período da gestação como foco primordial, uma vez que a gestante passa por inúmeras transformações fisiológicas e psicológicas, mas que não causam danos ao bebê (TEIXEIRA, 2013).

De acordo com o MS, alguns temas são abordados no pré-natal, como de orientar as gestantes perceber os sinais e os sintomas de alerta nos quais possam levar risco à sua vida e á saúde do bebê, como: sangramentos, febre, contrações, cefaleia persistente, sangramento vaginais e vários outros. Nestas situações, o enfermeiro deve orientar e encaminhar a gestante ao atendimento médico com a máxima urgência (BRASIL, 2012).

É papel dos profissionais da saúde, expressar a importância quanto à presença do pai em consultas de pré-natal, pois são excelentes momentos para tirar dúvidas e esclarecer alguns pontos, além de participar ativamente no período de gestação da mulher, esclarecendo quanto ao trabalho de parto, onde contribui para preparar esse pai durante o acompanhamento no trabalho de parto e no nascimento de seu filho (PERDOMINI, 2010).

A inclusão da figura paterna neste cenário do pré-natal, pode representar de forma efetiva, onde romperá com os mitos e os preconceitos pertinentes ao evento da gravidez, assim como do parto, assim, pode contribuir para uma reconstrução social quanto ao papel de homem em exercício da sua paternidade. (PERDOMINI, 2010).

Estudos realizados por Teixeira, Sá e Arrais (2009), identificaram que a enfermagem demonstra mais receptividades à uma presença paterna, mostrando visão positiva em sua participação do momento do pré-natal, desde a notícia da chegada do filho até a hora do parto, onde ajuda também a proporcionar maior segurança para a gestante no nascimento.

Atualmente, as consultas com enfermagem na rede básica de saúde, realizam-se de acordo com o roteiro estabelecido pelo Ministério da Saúde, garantida pela Lei de Exercício Profissional (TEIXEIRA; SÁ; ARRAIS, 2009).

Constata-se que o profissional de enfermagem tem buscado algumas medidas de humanização quanto ao ciclo gravídico-puerperal, através de políticas públicas, onde o Ministério da Saúde recomenda participação do pai no período gestacional (SILVA et al., 2013).

Assim, sua atuação em consultas com as gestantes é feita de forma contributiva para a saúde de mãe e filho, para que os mesmos tenham qualidade de vida neste período de gestação até a chegada do bebê.

O pré-natal torna-se um procedimento extremamente possível a ser realizado pelos médicos e pelos enfermeiros, com um padrão de alta qualidade (RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAUJO, 2011).

As consultas do profissional de enfermagem estão baseadas em conceitos preventivos, onde promove a vigilância da saúde, visando a garantia do bem-estar, melhorando a qualidade de vida das gestantes e fazendo um acompanhamento de qualidade.

Portanto, um pré-natal deve ser considerado como um período para preparação seja biológico ou psicológico para o parto, e, posteriormente, a maternidade. Este é um momento com vasto aprendizado, que a mulher deve sanar suas dúvidas, sendo essa uma forma fundamental para o desenvolvimento do binômio mãe-filho (TEIXEIRA, 2010).

Ao ter contato com a gestante, o profissional de enfermagem deve compreender os diversos significados de uma gestação para a mulher e para sua família, portanto, cabe a este profissional fazer um trabalho acolhedor com essas mulheres (SHIMIZU; LIMA, 2009).

As gestantes podem apresentar dores abdominais, flatulência, cólicas e obstipação intestinal, onde o enfermeiro precisa orientá-la a realização de exames físicos a fim de certificar-se de que sejam ou não contrações uterinas. Se houver, a flatulência ou a obstipação intestinal: orienta-se dieta com frutas cítricas, com verduras, ameixas, mamão e cereais integrais, também pode recomendar-se a ingestão de muito líquido, evitando alimentos com alta fermentação, como repolho, couve, leite, ovo, feijão e açúcar e assim, recomendar algumas caminhadas, movimentar e regularizar o hábito intestinal (BRASIL, 2012).

Os enfermeiros estão habilitados em atender as gestantes durante o pré-natal, dando assistência no parto e no puerpério nos hospitais, em unidades básicas de saúde e até mesmo em domicílio (SILVA et al, 2014).

Caso haja intercorrências durante a gestação, profissionais de enfermagem devem encaminhar a gestante ao médico, para que ele continue a assistência. Assim, o pré-natal pode estar sendo acompanhado por enfermeiros intercalado com consultas médicas. Portanto, o enfermeiro tem a autonomia para fazer solicitação de exames, para um acompanhamento nas consultas pré-natal e avaliação gestacional (BRASIL, 2012).

As gestantes buscam o pré-natal pela qualidade da assistência que é prestada pelos serviços e pelos profissionais de saúde que atuam, uma vez que as gestantes estão cada vez mais conscientes da importância do atendimento do pré-natal para a diminuição de grande índice de mortalidade do feto e complicações à sua saúde (RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAUJO, 2011).

A atenção quanto ao pré-natal, dá-se através de um atendimento qualificado e humanizado, com condutas acolhedoras, de fácil acesso aos serviços de saúde, tendo ações integradoras como prevenção, promoção e uma assistência qualificada

à saúde das gestantes, assim como do recém-nascido e outros (BRASIL, 2012, RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAUJO, 2011).

A consulta realizada pela enfermagem no pré-natal tem por objetivo uma avaliação de forma global, tendo uma atenção especial nos antecedentes obstétricos, dependência química, hipertensão arterial, abuso de álcool e o tabagismo, além de cobertura vacinal, incentivo quanto ao aleitamento materno a fim de reduzir o índice de mortalidade infantil e materna, garantindo o acesso, equidade, acolhimento, e resolução das questões (CUNHA et al, 2009).

O enfermeiro é capaz em captar questionamentos e direcionar a gestantes as ações educativas, onde terão um atendimento especializado. O mesmo estabelece cuidados, e uma relação confiável, conduzindo até a maternidade com autonomia. É importante também que o enfermeiro acolha o acompanhante nas consultas e que não ofereça obstáculos à sua participação no pré-natal (BRASIL, 2012, RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2011).

Dependerá do enfermeiro a qualidade no atendimento às gestante na consulta de pré-natal, fazendo com que atenda às expectativas das mesmas, orientando, explicando e tirando dúvidas, fazendo com que haja assim, uma relação de confiança, preconizando dessa forma uma assistência com qualidade mais humanitária no atendimento (RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2011).

Figueiredo e Marques (2011) relatam sobre o incentivo dos profissionais de enfermagem tanto no envolvimento ou no acompanhamento paterno a todo processo gravídico, assim como também deve realizar o seu acolhimento nas unidades, sendo fundamental a garantia do direito dos pais em acompanhar as gestantes nas consultas, a fim de preparar e de esclarecer tais especificidades quanto ao exercício da paternidade.

Vários profissionais da área da saúde, através de um acompanhamento mensal que é o pré-natal, a fim de melhor orientar de que forma ela deve se posicionar durante o período de gestação e saber sobre a saúde e o desenvolvimento do bebê (FIGUEIREDO; MARQUES, 2011).

Para Shimizu (2009), a consulta da enfermagem pode contribuir para as gestantes enfrentarem esta etapa da gestação com mais tranquilidade, permitindo-lhes compreender, além de se expressarem aos diversos sentimentos que são vivenciados. Os enfermeiros atuam são profissionais habilitados e de fácil acesso para mulheres para o acompanhamento gestacional, e devem acolher não somente

a gestante, mas também no contexto familiar e no social no qual as mesmas estão inseridas, prestando assim uma assistência de forma integral e qualificada, que proporcione uma gravidez mais tranquila para o nascimento de forma mais saudável.

O profissional de enfermagem busca exercer o seu papel no atendimento às gestantes, fazendo com que elas sejam atendidas de uma forma mais humanizada possível, pois é através do conhecimento que são repassados para as futuras mães que elas conseguirão por em prática, após o nascimento do filho as orientações dadas (SHIMIZU, 2009).

Soares et al. (2010) relatam que é necessário que toda a equipe de enfermagem possa convidar o acompanhante quanto ao envolvimento numa forma ativa ao processo de parturição, contando que não se tornem apenas espectador “assustado” do que presencia no parto.

Observa-se que ao analisar demais obras, nota-se que a equipe de enfermagem absorve como sua essa responsabilidade pelas orientações e pelo treinamento do acompanhante, contudo faz parte de sua prática (SOARES et al, 2010).

Cunha et al. (2009) consideraram que é importante para o pai que a equipe de enfermagem tenha a humanização em seus procedimentos, além da competência técnica que realize uma escuta qualificada para assim conseguirem fazer com que estreite o vínculo neste período até o nascimento do bebê, seja mais participativo.

4.3.1 O Enfermeiro Estimulando a vivência paterna no pré-natal

Segundo Brasil (2016), pensando na gestante, que vive um dos momentos mais intensos de sua vida, o Ministério da Saúde, em conjunto com as Secretarias Estaduais, Municipais e do Distrito Federal, preparou o Manual da Gestante, distribuído gratuitamente nas Unidades Básicas de Saúde da o começo do pré-natal. Nele, é possível encontrar vários assuntos importantes, tais como:

- ✓ Direitos antes e depois do parto;
- ✓ O cartão de consultas e exames, com espaço para anotar dúvidas;
- ✓ Dicas para uma gravidez saudável e sinais de alerta;
- ✓ Informações e orientações sobre a gestação e o desenvolvimento do bebê, alguns cuidados de saúde, o parto e o pós-parto;

- ✓ Informações e orientações sobre amamentação; e
- ✓ Como tirar a Certidão de Nascimento do filho.

Vale ressaltar que o pré-natal também é para o parceiro. Assim, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) instituída pela Portaria GM/MS nº 1.944, de 27 de agosto de 2009, visa facilitar e ampliar o acesso com qualidade da população masculina, de 20 a 59 anos, às ações e serviços de atenção integral à saúde da Rede SUS, atuando em aspectos socioculturais, na perspectiva relacional de gênero e na lógica da concepção de linhas de cuidado que respeitem a integralidade do cuidado, contribuindo efetivamente para a redução da morbimortalidade e melhores condições de saúde dessa população (BRASIL, 2009).

O pré-natal do parceiro visa preparar os homens para a criação ativa e consciente dos filhos, assim como a detecção precoce de doenças, atualizar o cartão de vacinação e incentivar a participação em atividades educativas nos serviços de saúde (CARVALHO, 2009).

A gravidez é um momento importante para a mulher e o parceiro. São emoções intensas que se misturam. Nas unidades básicas de saúde do SUS, os homens também têm o direito de se cuidar enquanto acompanham seus parceiros. Essa estratégia se chama Pré-natal do parceiro (BRASIL, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que é iniciado uma gravidez, muitas mudanças podem ocorrer na vida do casal e algumas atitudes poderão ser tomadas, para que haja uma gestação segura iniciando-se pelo acompanhamento do pré-natal, para assim, obter um desenvolvimento da gestação mais tranquilo, assim como nascimento saudável da criança.

No preparo para a hora do parto, a gestante precisa passar por um conjunto de medidas, de cuidados e de atividades nas quais objetivam a vivência como sendo um processo de forma fisiológica, onde então a saúde da mesma deverá ser protagonista.

A enfermagem que acompanha as consultas do pré-natal, exerce um papel fundamental sobre o incentivo á continuidade das consultas, informando assim a gestante a importância da participação paterna neste período gestacional, bem como a garantia de forma legal da escolha de um acompanhante durante o nascimento do bebê, assim como fornecimento das condições quanto á participação paterna nas mesmas, assim como na hora do parto, incentivando a formação dos vínculos entre ambos, garantindo a formação de vínculo entre pai e filho o mais precocemente possível.

Nota-se os reflexos quanto á presença paterna no acompanhamento a gestação, pré-natal, parto e puerpério, onde fortalecem um vínculo maior com a mulher antes, durante e depois do nascimento do filho, sendo imprescindível no desenvolvimento do bebê.

É necessário portanto que seja enxergado a figura paterna sendo como um protagonista entre o período gravídico- puerperal, sendo muito importante à paternidade a promoção da aproximação entre a companheira e o filho, instituindo os laços familiares os quais são preponderantes.

Nessa perspectiva, a figura paterna possibilita ao bebê a entrada no contato social de forma mais segura, proporcionando o equilíbrio que o bebê precisa, pois pai é referência quanto a ética e valores, e paternidade participativa e moderna que ressalta o fenômeno da integralidade.

E, sobretudo nas últimas décadas, o pai tem um papel transformador na condição evolutiva e contínua na fase do bebê, possibilitando a todos uma qualidade

de vida e vínculos afetivos saudáveis, pai participativo na atualidade é um pai transformador.

Dessa forma, pode-se construir uma formação como um novo modelo de pai, mais afetuoso, mais participativo e com mais habilidades de cuidado para a formação de uma família como um todo e é um conjunto de ações realizadas por ele, que se tornam essenciais para o estreitamento da família, se principalmente para os vínculos afetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALEXANDRE, Ana Maria; MARTINS, Cosvoski Marialda. **A vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto**. Cogitare Enferm 2009 Abr/Jun; 14(2):324-31. Impresso.

ALMEIDA, B. S. et al. **Percepção dos enfermeiros das unidades de maternidade e pediatria acerca do cuidado paterno**. Rev. Enferm. UFSM, v. 4, n. 4, p. 792-802. out-dez. 2014

BATISTA, K. R. de A.; FARIAS, M. do C. A. D. de; MELO, W. dos S. N. de. **Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato**. Saúde em Debate, v. 37, n. 96, p. 130-138, 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n96/15.pdf>> Acesso em: 10 de ago. de 2019.

BRESCIAN REGINA HELENA. Conselho Regional de Enfermagem de Santa Catarina. **SÉRIE CADERNOS ENFERMAGEM**, v .3 Editora Letra Editorial, Florianópolis, 2016. Disponível em:< http://www.corensc.gov.br/wp-content/uploads/2016/11/Legisla%C3%A7%C3%A3o-Comentada_site.pdf> acessado em: 20 set de 2019.

BENAZZI AST, LIMA ABS, SOUSA AP. **Pré-natal masculino: um novo olhar sobre a presença do homem**. Rev. Pol. Públ. 2011;15(2):327-333.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Rev. psicopedag.(2011). Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862011000100007> Acessado em: 10 de ago. 2019.

BORDIGNON SS, CRUZ VD, HARTER J, MEINCKE SMK, CARRARO TE, COLLET N. Paternal participation e family reaction towards the teenage pregnancy. **Rev Enferm UFPE Online [Internet]**. 2013 [acesso em 2013 jul 11];7(6):4459-65. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3352/pdf_2775. Acesso em 20 de ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção à gestante e à puérpera no SUS – SP: manual técnico do pré-natal e puerpério / organizado por Karina Calife, Tania Lago, Carmem Lavras – São Paulo: SES/SP, 2010.**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Puerpério: período pós-parto requer cuidados especiais.** Blog da Saúde/ organizado por Gabriela Rocha. 2015. Disponível em:< <http://www.blog.saude.gov.br/cdy345>>Acessado em: 22 set de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Gravidez: o que é, sintomas, complicações, tipos e prevenção.** Distrito Federal 2013. Disponível em:< <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/gravidez> >.Acessado em : 20/09/2019.

BRASIL. Portaria nº 1.459, de 24 de junho de 2011. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS - a Rede Cegonha.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 de julho de 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Urgências e emergências maternas:** guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Gestação de alto risco manual técnico.** Brasília: Ministério da saúde, 2012.183 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Aten o   Saúde. **Departamento de Aten o Básica.** Aten o ao pré-natal de baixo risco. Brasília. DF. 2012

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de Aten o Básica. **Aten o ao Pré-natal de baixo risco.** Distrito Federal 2012. Disponível em: <http://www.medlearn.com.br/ministerio_saude/atencao_basica/cadernos_atencao_basica_32_atencao_pre_natal_baixo_risco.pdf >. Acesso em: 18 de ago. 2019.

BEZERRA CP. **A importância da Consulta de Enfermagem no acompanhamento pré-natal.** 2009

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Aten o   Saúde. **Departamento de Aten o Básica. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença cr nica: Diabetes.** Brasília: Ministério da saúde, 2013. 29 p. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/.../estrategias_cuidado_pessoa_diabetes_mellitus_cab36.pdf>. Acesso em: 18 de ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de Aten o Básica. **Aten o ao Pré-natal de baixo risco.** Distrito Federal 2013, N  32. Disponível em:< http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_pre_natal_baixo_risco.pdf> Acessado em: 18 de ago. 2019.

CABRAL, R. W. de L.; MEDEIROS, de A. L.; SANTOS, dos S. R. Assistência de enfermagem à mulher no período puerperal, proposta de sistematização. In: VII Congresso Brasileiro De Enfermagem Obstétrica E Neonatal, 275, 2011, Belo Horizonte. **Fortalecendo redes e alianças estratégicas pela cidadania e saúde das mulheres e dos recém-nascidos**. Belo Horizonte: ABENFO-MG, 2011. p. 2615- 2634.

CAIRES TLG, VARGENS OMC. A exclusão do pai da sala de parto: uma discussão de gênero e poder. **Rev Enf Ref [Internet]**. 2012 [acesso em 2013 jan 15];3(7):159-68. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ref/vserlln7/serlln7a17.pdf>.

CARVALHO, Jovanka Bittencourt Leite de; BRITO, Rosineide Santana de. Atitude do pai diante do nascimento. **Revista Rene**. Fortaleza, v. 9, n. 4. Out/Dez 2009. Impresso.

CARVALHO JBL, BRITO RS, ARAÚJO ACPF, SOUZA NL. **Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho**. Rev RENE [Internet]. 2009 [acesso em 2012 fev 18];10(3):125-31. Disponível em: http://www.revistarene.ufc.br/vol10n3_pdf/a15v10n3.pdf. Acesso em 12 de ago. 2019.

CASARIN, S.T.; BARBOZA, M. C. N.; SIQUEIRA, H. C. H. **Qualidade de vida na gravidez**: revisão de literatura sistemática. Revista de Enfermagem UFPE On Line. Pelotas, 2010. p. 1049-1051.

CASTRO PETITO, A., FREITAS CÂNDIDO, A., RIBEIRO, L., PETITO, G. A importância da participação do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica. **REFACER - Revista Eletrônica da Faculdade de Ceres**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 4, fev. 2015. Disponível em: <http://ceres.facer.edu.br/revista/index.php/refacer/article/view/70/46>. Acesso em 25 Jul. 2019.

CAVALCANTI SCP, et al . Um modelo lógico da Rede Cegonha. **Revista de Saúde Coletiva**. IMS-UERJ RJ – Brazil, ano 2013. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312013000400014>Acessado em : 20 de set.2019.

Cardoso VEPS, Junior AJS, Bonatti AF, et al. **A Participação do Parceiro na Rotina Pré-Natal Sob a Perspectiva da Mulher Gestante**. Rev Fund Care Online.

2018. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i3.856-862>>
Acessado em: 18 de ago. 2019.

COSTA GD, Cotta RMM, Reis JR, Batista RS, Gomes AP, Franceschini SCC. **Avaliação do cuidado à saúde da gestante no contexto do programa Saúde da Família** *Ciência & Saúde coletiva*. 2009;14(Supl 1):1347-57.

COSTA, S.; ASSIS, T. O. Hidrocinesioterapia como tratamento de escolha para lombalgia gestacional. **Rev. Tema**, Campina Grande, jun.2010. Disponível em: <http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/viewfile/41/pdf> Acesso em: 18 de ago. 2019.

CUNHA, A. M. et al. **Assistência pré-natal: competências essenciais desempenhadas por enfermeiros**. Esc. Anna Nery vol.13 n.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2009. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000100020>
Acesso em: 25 de ago de 2019.

DARVILL, R., SKIRTON, H., & FARRAND, P. (2010). **Psychological factors that impact on women's experiences of first-time motherhood: a qualitative study of the transition**. *Midwifery*, 26(3), 357-366.

DESSEN MA, OLIVEIRA MR. **Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna**. *Psicol Reflex Crít [Internet]*. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n1/20.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2019.

FERREIRA, et al. **"A importância da participação paterna durante o pré-natal: Percepção da gestante e do pai no município de Cáceres – MT"**. In *Revista Eletrônica Gestão e Saúde* Vol.05, Nº. 02, p.337-45, 2014.

FERREIRA, T. N.; ALMEIDA, D. R.; BRITO, H. M.; CABRAL, J. F.; MARIN, H. A.; CAMPOS, F.M.C.; MARIN, H.C. A importância da participação paterna durante o pré-natal: percepção da gestante e do pai no município de Cáceres – MT. **Revista eletrônica Gestão e Saúde**. 2014, Vol. 05, nº 02, p. 337-45.

FIGUEIREDO, M.G.A.V.; MARQUES, A.C. **Pré-natal: Experiências vivenciadas pelo pai**. *Cogitare Enferm*. 2011; 16(4):708-13.

FREITAS WMF, SILVA ATMC, COELHO EAC, GUEDES RN, LUCENA KDT, COSTA APT. **Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor**. *Rev. Saúde Pública*. 2009; 43(1):85-90.

FORTE, S.D.F. et al. **Educação interprofissional e o programa de educação pelo trabalho para a saúde/Rede Cegonha: potencializando mudanças na formação acadêmica.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação - 20 (58) Jul-Sep 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832016000300787>>.Acessado em: 20 de set.de 2019.

FREIRE, K. et al. Fatores associados ao uso de álcool e cigarro na gestação. **Revista Brasileira Ginecologia Obstetricia.** 2009. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v31n7/v31n7a03.pdf> . Acesso em

FRUTUOSO, L. D.; BRUGGEMANN, O. M. **Conhecimento sobre a Lei 11.108/2005 e a experiência dos acompanhantes junto à mulher no centro obstétrico.** Texto contexto - enferm. Florianópolis, v. 22, n. 4. dez. 2013.

GARCIA, E. S. G. F.; LEITE, E. P. R. C.; NOGUEIRA, D. A. Assistência de enfermagem às puérperas em unidades de atenção primária. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 7, n. 10, p. 5923-5928, 2013. Disponível em:<<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/4836/7397>> Acesso em: 10 de ago. de 2019.

GONZALEZ AD, FERNANDES ES, SILVA EF, RABELO M, SOUZA SRRK. **A percepção do acompanhante no processo do nascimento.** Cogitare Enferm [Internet]. 2012 [acesso em 2013 jan 20];17(2):310-4. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/27889/18497>. Acesso em 20 de ago. 2019.

GOMES, Celma Barros de Araújo et al . **CONSULTA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL: NARRATIVAS DE GESTANTES E ENFERMEIRAS.** **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 28, e 20170544, 2019 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072019000100320&lng=pt&nrm=iso>Acessado em: 20 de ago. 2019.

GUARIENTO, A.; BRIQUET, R. **Obstetrícia normal.** 1. ed. Barueri: Manole 2011.

HEE, L.S.; YOUNG, L. E. **Factors Influencing Maternal-Fetal attachment in High-Risk Pregnancy.** Advanced Science and Technology Letters Vol.104 (Healthcare and Nursing 2015), pp.38-42.

JAGER, M.E.; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicol. Teor.Prat.* 2011;13(1):141-53.

JARDIM, Danúbia Mariane Barbosa. **Pai-acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho**. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado). Pós graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009, p.124.

KROB, A. D.; PICCININI, C. A.; SILVA, M. R. **A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, jun. 2009.

LONGO CSM, ANDRAUS LMS, BARBOSA MA. **Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde**. *Rev Eletrônica Enferm [Internet]*. 2010 [acesso em 2012 dez 19];12(2):386-91. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a25.htm>.

MALDONADO, M.T, Dickstein J. Nós estamos grávidos, São Paulo: Integrare; 2010. PIERRE, L.A.S; CLAPIS, M.J. Planejamento familiar em Unidade de saúde da família. **Rev. Latino-Am. Enfermagem [internet]**. Nov-dez, 2010.

MATOS GM,et.al. **Construindo o Vínculo Pai-Bebê: A Experiência dos Pais**. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 22, n. 2, p. 261-271, mai./ago. 2017 261 Disponível em:<<http://www.redalyc.org/html/4010/401052167007/>> Acesso em 12 de ago. de 2019.

MAZZIERI, S. P. M.; HOGA, L. A. K. Participação do pai no nascimento e parto: revisão da literatura. **REME rev. min. enferm.** v. 10, n. 2, p. 166-170. abr.-jun. 2006.

MELO, M. R . et al. **Conhecimento de homens sobre o trabalho de parto e nascimento**. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem* 19(3) Jul-Set 2015. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n3/1414-8145-ean-19-03-0454.pdf>> Acessado em: 20 de ago. 2019.

Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Básica. (2012). *Atenção ao pré-natal de baixo risco*. Brasília: Ministério da Saúde.

MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE, J. **Obstetrícia Fundamental**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE FILHO, de J. *Obstétrica*. In: MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE FILHO, DE J. **O puerpério**. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara

Koogan, 2011. Cap. 23, p. 292-295.

NEVES, J. B.; GOMES, A. O. O enfermeiro na assistência a puérpera na atenção primária a saúde. **Revista Enfermagem Integrada – Ipatinga**: Unileste-MG, v. 4, n. 2, p. 812-833, 2011. Disponível em: <[http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v4_2/04-o%20enfermeiro-naassistencia-a-puerpera-na-atencao-primaria-a-saude\(gomes;neves\).pdf](http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v4_2/04-o%20enfermeiro-naassistencia-a-puerpera-na-atencao-primaria-a-saude(gomes;neves).pdf)> Acesso em: 20 de ago. 2019.

NOGUEIRA, M. J. et al. “**Depois que você vira um pai...**”: adolescentes diante da paternidade. *Adolesc. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 28-34. jan.-mar. 2011.

OLIVEIRA, E. M. F.; BRITO, R. S. **Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério**. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 595-601, jul. 2009.

OLIVEIRA, Millena; TRINDADE, Marcela Ferreira. Atendimento de urgência e emergência na rede de atenção básica de saúde: análise do papel do enfermeiro e o processo de acolhimento. **Rev. Hórus**. São Paulo, v.4, n.2, p. 160-171, out-dez. 2010. Disponível em: <http://www.faeso.edu.br/horus/artigos%20anteriores/2010/atendimento_urgencia.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

PICCININI, C. A. et al . **Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília , v. 28, n. 3, p. 303-314. jul.-set. 2012.

TEIXEIRA, L. P.; SÁ, R. S.; ARRAIS, A. R. Percepções da equipe obstétrica sobre a presença do pai durante parto e sobre a lei do acompanhante. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 127-145. abr. 2009.

PEREIRA, C. R. R.; ARPINI, D. M. **O lugar do pai nas novas configurações familiares**. *Pediatria moderna*, v. XLVIII, n. 12. dez. 2012.

PERDOMINI, Fernanda Rosa Indriunas. **A Participação do Pai Como Acompanhante da Mulher no Processo de Nascimento**. 2010. Tese. Faculdade Federal do Rio Grande do Sul; Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25194/000752725.pdf?sequence=1>>. Acesso em 21 de ago. 2019.

PERDOMINI, F.; BONILHA A. 2011. "**Participação do pai como acompanhante da mulher no parto**". In Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2011. 20(3): 445-52. 12.

PETITO, A. D. C. et al. **A importância da participação do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica**. REFACER - Revista Eletrônica da Faculdade de Ceres, v. 1, n. 4. 2015.

PRETTO et. al. **Assistência de enfermagem no puerpério**. São Paulo: 2010. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/assistencia-de-enfermagem-nopuerperio/43175/>> Acesso em: 10 de ago. 2019.

REBERTE, L. M.; HOGA, L. A. K. **A experiência de pais participantes de um grupo de educação para a saúde no pré-natal**. Ciência y enfermería xvi (1), 2010.

RENON M.C. **O princípio da dignidade da pessoa humana e sua relação com a convivência familiar e o direito ao feto**. Dissertação de Mestrado em Direito. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

REZENDE, T. C. et al. **Participação paterna no período da amamentação: importância e contribuição**. Biosci. J., Uberlândia, v. 30, n. 3, p. 925-932. Maio-jun. 2014.

RIBEIRO, et al. Participação do pai na gestação, parto e puerpério: Refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. **Rev. Espaço para a Saúde**, Londrina. v. 16, n.3, p. 73-82, 2015.

RODRIGUES, Edilene Matos; NASCIMENTO, Rafaella Gontijo do; ARAÚJO, Alisson.

Protocolo na assistência pré-natal: ações, facilidades e dificuldades dos enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família Rev. Esc Enfermagem, São Paulo, USP, ano, n. v., p.1041-1047, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a02.pdf>>. Acesso em: 19 de ago. 2019.

SANTOS; E. D. G.; SATÔ; C. P. G. **Cuidados de enfermagem diante das principais alterações fisiológicas ocorridas no período puerperal**. 2014.

SANTOS, Simoni Crochi; KREUTZ, Carla Meira. **O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho**. Pensando Famílias, 18(2), dez. 2014 (62-76)

SANTOS A.M ;HENRIQUE C. V ;SILVA C.V. **A Compreensão das Mães Acerca da Consulta de Puericultura numa Unidade de Saúde da Família.** Revista em Saúde, 2009. Disponível em <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/racs/article/view/680/565>> Acessado em 23 set de 2019.

SARAFF, A. & SRIVASTAVA, H.C. **Pattern and determinants of paternal involvement in childcare; an empirical investigation in a metropolis of India.** Population Research and Policy Review, v. 29, n. 2, p. 249-73, 2010.

SHIA, Nessie e ALABI, Oluseyi. **An Evaluation of Male Partners' Perceptions of Antenatal Classes in a National Health Service Hospital:** Implications for Service Provision in London. The Journal of Perinatal Education. Winter 2013, Volume 22, Number 1.

SHIMIZU HE, LIMA MG. As dimensões do cuidado pré-natal na consulta de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem.** 2009;62(3):387-392.

SILVA, L. J.; SILVA, L. R. **Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais.** Esc. Anna Nery, v.13, n.2, p. 393-401. 2009.

SILVA, K. B.; CARVALHO, C. A. Prevalência da lombalgia e sua associação com atividades domésticas em gestantes do município de Itabuna, Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública v.35**, n.2, p.387-396 abr./jun. 2011. Disponível em http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/313/pdf_122. Acesso

SILVA, B.T.; SANTIAGO L. B.; LAMONIER, J.A. **Apoio paterno ao aleitamento materno:** uma revisão integrativa. Rev Paul Pediatr 2012; 30(1): 122-30.

SILVA, M. M. J. et al. **O envolvimento paterno na gestação sob o olhar de gênero.** Rev. enferm. UFPE, Recife, v. 7, n. 5, p. 1376-81. maio. 2013.

SILVA, M. Z. N. et al. **Acesso e acolhimento no cuidado pré-natal à luz de experiências de gestantes na Atenção Básica.** Artigo original. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 38, N. 103, P. 805-816, out-Dez 2014. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n103/0103-1104-sdeb-38-103-0805.pdf>>Acessado em: 19 de ago de 2019.

SOARES, Renata Kelly Castro et al. **Acompanhante da parturiente e sua relação com equipe de enfermagem**: um estudo qualitativo. OBJN. Niterói. V. 9, n. 1. 2010. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2010.2867/644>>. Acesso em 21 de ago. 2019.

SOARES, R.L.S.F.; CHRISTOFFEL, M.M.; RODRIGUES, E.C.; MACHADO, M.E.D.; CUNHA, A.L. **Ser pai de recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal**: da parentalidade a paternidade. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, v. 19, n. 3, p. 408-416, 2015.

RODRIGUES LS, CHALHUB AA. **Contextos familiares violentos**: vivência de filho à experiência de pai. Pensando Famílias. 2014. 1;8(2):77-99.

TEIXEIRA, Carla Regina de Souza et al. Diabetes nos partos hospitalares em sistemas de saúde público e privado. **Revista de Saúde Pública**. v. 47 n.3 p. 460-469. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v47n3/0034-8910-rsp-47-03-0460.pdf>>. Acesso em: 17 de ago. 2019.

TEIXEIRA IR, Amaral RMS, Magalhaes SR. Assistência de enfermagem ao pré-natal: reflexão sobre atuação do enfermeiro para o processo educativo na saúde gestacional da mulher. **Revista Científica de Departamento de Ciências Biológicas, Ambientais e da Saúde – DCBAS**. 2010;3(2):26- 31 3

VIEIRA, M.L.; RÍMOLI, A.O.; PRADO, A.B. & CHELINI, M.O. **Cuidado e responsividade parentais**: uma análise a partir da teoria da história de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In E. OTTA & M.E. YAMAMOTO (Eds.), Psicologia evolucionista. Pp. 86-95. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

VIEIRA, M. L. et al . **Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 66, n. 2. 2014.

VIDO, M. B. **Qualidade de vida na gravidez**. 2006. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Guarulhos, Guarulhos. Disponível em:<<http://tede.ung.br/bitstream/123456789/237/1Milena%252BButolo%252BVi do.pdf>>Acesso em 09 de ago. 2019.

ZAMPIERI, M. F. M. et al. O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 14, n. 3, p. 483-93. jul.-set. 2012.

WEINERT, Leticia Schwerz et al. **Diabetes gestacional**: um algoritmo de tratamento

multidisciplinar. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia metabólica, v. 55 n. 7 p.435-45. 2011. Disponível em: <[http:// www.scielo.br/pdf/abem/v55n7/02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/abem/v55n7/02.pdf)>. Acesso em: 18 de ago. 2019.